

ARTIGOS

ENTRE UMA MELANESIANISTA E UMA FEMINISTA*

MARILYN STRATHERN**

RESUMO

Neste artigo, práticas acadêmicas dos anos 80 em torno da desconstrução são postas sob a perspectiva das teorias construcionistas e da cultura que caracterizam as concepções ocidentais. Ambas - construcionismo e desconstrução - são colocadas sob a perspectiva das concepções melanésias. Estas, sem as premissas construcionistas, exemplificam certos modos duais, mas não binários, de simbolizações e relações.

Palavras-chave: Construcionismo, Desconstrutivismo, Perspectivas Antropológicas, Perspectivas Feministas.

* Texto publicado em *Reproducing the Future. Anthropology, Kinship and the new Reproductive Technologies*. New York, Routledge, 1992, capo IV, pp.64-90. Tradução de Pedro Soares Maia. Revisão: Mariza Corrêa e Adriana Piscitelli. Agradecemos a gentil autorização da autora e da Manchester University Press para publicação.

** Professora do Departamento de Antropologia Social, University of Cambridge

Entre uma melanesianista e uma feminista

Do espaço impossível de um "entre" teoria e prática, aquele espaço em que as mulheres... vivem o paradoxo de sua existência, uma crítica especificamente feminista pode concentrar suas energias peculiares.¹

Sobre um ponto, várias práticas acadêmicas dos anos 80 parecem concordar: montar um estratagema deliberado a partir da desconstrução dos supostos que anteriormente sustentavam as disciplinas. Isso inclui desfazer seus modos de discurso. O oposto é que a atenção à linguagem (como veículo do discurso) desmascarará a própria prática da construção enquanto tal. Em sua evidente capacidade de ser" tomada a parte, a linguagem adquiriu assim um estatuto especial, como se todas as palavras compusessem textos, como se todas as formas fossem formas literárias. Pois qualquer forma literária pode ser apresentada como retórica; qualquer texto pode ser obrigado a mostrar sua trama, sua estrutura, os supostos que sustentam sua autoridade.

Não surpreende que a produção feminista tenha antecipado esse clima. Não tendo uma disciplina Única a defender - embora produzida dentro de muitas delas -, ela de fato tramou deliberadamente enfiar-se no meio² e seria confortador pensar que este trabalho é uma tentativa de existir entre discursos, feminista e antropológico, uma nova autoridade que não é uma autoridade. Por outro lado, se a desconstrução é "confessadamente parasita dos discursos metafísicos que pretende subverter"³, então talvez o mesmo seja verdade da produção feminista - e nessas circunstâncias, talvez alguém

¹ KIRBY, V. Capitalizing difference: feminism and anthropology. *Australian Feminist Studies*, n° 9, 1989, p.7.

² Id., ib., p.11.

³ MOI, T. *Sexual/Textual Politics: Feminist Literary Theory*. London, Routledge, 1985, p.39.

prefira ser parasita em vez de hóspede. Mas nem tudo está aberto à preferência. Sou levada à confrontar a possibilidade de que diferenças negociáveis de uma perspectiva surjam como inegociáveis de qualquer outro ponto de vista. Enquanto antropóloga, continuo comprometida com a interessante idéia de que há vocabulários que superam os excessos mais engenhosos da língua em que os estudiosos ocidentais escrevem⁴, e enquanto melanesianista, encontro um posicionamento dos sexos que toma seu isomorfismo tão significativo quanto sua diferença. Contudo, como sempre, meu comentário sobre certas posições feministas é igualmente um comentário sobre certas posições das ciências sociais. O sentimento de dívida que tenho em relação à produção feminista talvez indique meu parasitismo eventual em relação a ela.*

Cultura incompleta

Para os antropólogos, acostumados a pensar a cultura como texto, a descoberta de que os textos são produções culturais, fez sentido instantaneamente. Os relatos parecem "construí dos" da mesma forma que as culturas⁵. O texto que

⁴ cf. MOORE, H. *Feminism and Anthropology*. Oxford, Polity Press, 1988.

* Este ensaio tem suas próprias dívidas, particularmente com Lisette Josephides, Andrew Lattas e James Weiner por seus comentários e com Susan Magarey.

⁵ Geertz supõe uma analogia entre duas práticas antropológicas: os antropólogos escrevem (descrição densa) e lêem os textos, dos outros por sobre seus ombros. A segunda imagem, embutida na própria explicação de Geertz dos conceitos de cultura, fascinou a imaginação antropológica da época: a primeira teve de ser redescoberta. (p. ex. Boon e os escritos estimulados por Clifford e Marcus.) GEERTZ, C. *The interpretation of Cultures*. New York, Basic Books, 1973; BOON, J.A. *Other Tribes, Other Scribes. Symbolic Anthropology in the Corporative Study of Cultures, Histories, Religious, and Texts*. Cambridge, Cambridge University Press, 1982. CLIFFORD, I. e MARCUS, G.E. (eds.) *Writing Culture: The Poetics and Politics of Ethnography*. Berkeley & Los Angeles, University of California Press, 1986. A metáfora da cultura como "texto" torna-se dominante em boa parte da antropologia

pretende ser sobre (outra) cultura é, com efeito, um "texto", um artefato cultural de sua própria cultura.

Mas que **tipo** de texto? Parece haver uma suposição comum de que, uma vez conscientes da natureza textual da escrita, os antropólogos ,saberão como tratar dela. Receitas de dialogia e heteroglosa vão juntas com uma prática crítica que revela as camadas da narrativa, um dismantelamento que implica que todos os textos são montados da mesma forma: suscetíveis a leituras múltiplas, contendo traços de outros textos, elocuições parciais que evocam o que não foi dito. Com certeza, é assim que as "culturas" e as "sociedades" parecem formadas. De fato, a noção de uma construção que é ela mesma parcial, como uma colagem que nunca suprime completamente a alteridade de seus componentes, entusiasmou a antropologia dos anos 80. Um exemplo forte é a construção cultural/social do corpo.⁶ De novo, a suposição parece ser a de que uma vez conscientes do estratagema pelo qual o corpo é apresentado, deveremos saber como tratar dele analiticamente, uma questão que os interesses feministas mostraram que pode ser mais difícil do que se poderia imaginar. Porém, o estratagema pode ser demonstrado, precisamente porque parece parcial; como um texto repleto de rupturas, brechas, elisões, ele nunca "descreve" completamente o corpo.

nos anos 70/80, para ser suplementada (e substituída) por um fascínio pela "construção cultural" da metade para o final dos anos 80.

⁶ Por exemplo, o subtítulo de Ortner e Whitehead é "The cultural construction of gender and sexuality"; A coleção de ensaios de Caplan chama-se "The cultural construction of sexuality". ORTNER, S.B. e WHITEHEAD, H. (eds.) *Sexual Meanings. The Cultural Construction of Gender and Sexuality*. Cambridge, Cambridge University Press, 1981; CAPLAN, P. (ed.) *The Cultural Construction of Sexuality*. London, Tavistock, 1987; ver também BUCKLEY, T. e GOTTLIEB, A. *Blood Magic. The Anthropology of Menstruation*. Berkeley & Los Angeles, University of California Press, 1988.

Uma fonte de teoria construcionista cultural e social⁷ é a obra de Berger e Luckman; cito de uma versão recente:

Berger (1967) vê a criança como incompleta, ela não pode tomar-se humana fora da sociedade e sua natureza humana dependente e parcialmente formada ao nascer necessita de uma longa socialização primária. Durante esse período, a criança herda cultura e linguagem como objetos naturais no mundo. A maioria das crianças torna-se lingüisticamente competente em sua língua materna que... representa e interpreta suas experiências. O eu é recebido e complementar à linguagem. É somente num estágio posterior de socialização que a possibilidade de mundos alternativos e, portanto, de um eu alternativo [é] percebida.⁸

Nessa fórmula, cultura significa igualmente sociedade. A analogia inevitável é que cultura e linguagem são aprendidas da mesma maneira; versões da realidade impostas à criança que aprende. As pessoas alcançam uma compreensão maior de si mesmas a partir da cultura ou da própria linguagem, na medida em que refletir sobre as formas recebidas é apresentar a possibilidade de alternativas.

Contudo, a concretude da imagem - a criança que aprende - também dá margem a reflexão. Suponha-se que outra

⁷ "Berger e Luckman... demonstraram a natureza auto-autenticadora do social com as idéias centrais de reificação e legitimação. A reificação referia-se ao modo pelo qual esquecemos nossa autoria de cultura e atribuímos a ela uma outra existência concreta. A legitimação referia-se à autoridade que se torna investida em relações sociais mediante a imbricação delas nas instituições da estrutura social". YATES, P. Negotiating life texts: youth, ethnicity and cultural production. Paper delivered to the Association for Social Anthropology Conference, London, 1988, p.14.

⁸ Id., ib.

imagem é posta em seu lugar⁹, retirada do imaginário da vida real de povos, nesse caso, melanésios. Suponha-se que a pessoa infantil não seja considerada incompleta; suponha-se que não há nada a construir?

O poder da analogia estética entre culturas e textos é também a limitação de suas imagens (*imagery*). As culturas/sociedades - tal como as pessoas - são percebidas como compostas e para sempre no processo de assim o serem. Para os estudiosos que têm de compor seus relatos, isso pode ser uma percepção inevitável. Porém, temos de nos esforçar para que isso não esconda completamente situações em que povos ajam com base em percepções diferentes.

Tais diferenças não devem ser inferi das ingenuamente do ponto de vista do ator. Elas só podem existir como resultado do trabalho teórico¹⁰, extraídas de posições teóricas prévias. Um exemplo é a sustentação da tese construcionista pelo conceito de socialização. A "necessidade" de transmitir e passar adiante a cultura, de forma semelhante à propriedade, é apresentada como uma condição humana geral e uma pré-condição para a continuidade. Parece tão óbvio que as crianças tenham de "aprender" cultura, "aprender" regras sociais, tal como aprendem uma língua, que se supõe que outros povos percebem a mesma necessidade. Os antropólogos podem assim dizer que práticas como ritos de iniciação são instrumentos deliberados de socialização. A intenção dos atores é lida como um desejo de transformar as crianças em adultos, equipando-as com o aparato apropriado, moldando-as segundo uma forma.

Os ritos de iniciação chamam nossa atenção, suspeito, por causa de seu foco no corpo. Enquanto meio pelo qual os

⁹ WEINER, J.F. *The Heart of the Pearlshell: The Mythological Dimension of Foi Sociality*. Berkeley & Los Angeles, University of California Press, 1988, p.9

¹⁰ RABINOW, P. Response to Sangren, "Rhetoric and the authority of Anthropology". *Current Anthropology*, n° 29, 1988, pp.429-30.

iniciantes recebem a marca da cultura, mutilado ou forçado a posições não naturais, o corpo apresenta uma imagem vívida de "construção". Parece que estamos testemunhando literalmente a formação da pessoa cultural e social e a passagem da infância à idade adulta toma-se uma metonímia de todos os processos pelos quais as pessoas são assim moldadas.

Poder-se-ia então dizer que a socialização imita a maneira pela qual as pessoas são forçadas a um molde que não toma sua forma autêntica. Na medida em que é percebida, essa outra forma proporciona base para resistência. A autenticidade é amiúde simbolizada como um aspecto privado ou essencial da pessoa, pois os ocidentais refletem sobre como os processos naturais ou biológicos se submetem à intervenção humana, como quando Tabet argumenta que a reprodução não é uma manifestação espontânea do corpo feminino. Entre a capacidade de procriar e o fato do nascimento encontra-se a relação entre os sexos, e a história das relações de reprodução, uma história "em larga medida de reprodução enquanto exploração".¹¹ Com efeito, a análise que ela faz do controle técnico de processos como dar à luz faz eco às descobertas mais gerais de Martin sobre as percepções das mulheres americanas. O parto faz parte da experiência perpétua das mulheres de administrar seus corpos em resistência a formas predominantes de pensamento que imporiam certos regimes de tempo e comportamento. Ela escreve:

numerosos contrastes dominam a sociedade capitalista pós-industrial: ler *versus* trabalho, sexo *versus* dinheiro, amor *versus* contrato, mulheres *versus* homens. Devido à natureza de seus corpos, as mulheres, muito mais que os homens, não podem

¹¹ TABET, P. Imposed reproduction: maimed sexuality. *Feminist Issues*, n° 7, 1987, p.3

evitar confundir essas distinções todos os dias. Para a maioria das mulheres, menstruação, gravidez e menopausa não podem mais ser mantidas dentro de casa. As mulheres interpenetram reinos que nunca foram realmente separados. Elas corporificam literalmente a oposição, ou contradição, entre os mundos.¹²

As mulheres em seu estudo sentiam que eram levadas "por forças fora de seu controle"¹³, pois tinham um ponto privilegiado de observação de onde ver aquelas forças como separadas delas mesmas.

Numa grande variedade de maneiras, as mulheres afirmam uma visão alternativa de seus corpos, reagem contra seus papéis sociais costumeiros, rejeitam modelos científicos difamantes e, em geral, lutam para alcançar dignidade e autonomia. . . Porque seus processos corporais vão com elas a toda parte, forçando-as a justapor biologia e cultura, as mulheres vislumbram todos os dias uma concepção de outro tipo de ordem social. No mínimo, uma vez que não se enquadram na divisão ideal das coisas (processos corporais, privados, devem ficar no lar), provavelmente verão que a ideologia dominante é parcial: não captura a experiência delas.¹⁴

¹² MARTIN, E. *The Woman in the Body. A Cultural Analysis of Reproduction*. Boston, Beacon Press, 1987, p.197.

¹³ Id., ib., 12.

¹⁴ Id., ib., 400.

As mulheres, sugere ela, derivam seu senso de experiência de um corpo que não é completamente abarcado por essas categorias culturais. Nesse sentido, não é a pessoa, mas a cultura que é incompleta.¹⁵

Mas é concebível uma cultura ou sociedade completa? Se assim fosse, certamente não seria **percebida** como tal no processo de construção; Ao mesmo tempo, se as pessoas não considerassem umas as outras como tendo que aprender cultura da maneira como a língua é aprendida, talvez elas não apreendessem suas práticas sociais como composições. Nesse caso, não teriam interesse nas imagens que achamos tão compulsórias. Se o discurso não é imaginado como um texto ou os desempenhos como escritas, então supostamente não haveria problema na relação da trama com a personagem, ou do plano com o modelo, ou do modelo com a estrutura, ou da experiência vivida com a categoria cultural. Não haveria preocupação em como reunir matérias primas, fazer um todo das partes, fazer indivíduos conscientes da sociedade. E talvez não houvesse a mesma preocupação com a natureza parcial da representação.

A onda crítica atual na antropologia está muito preocupada com a relação entre o que é dito e o não-dito, com dar voz a atores' inaudíveis, com olhar nas entrelinhas dos interstícios. O processo pode ser visualizado como a descoberta de um espaço. Conceber o que é tornado visível como espaço, ou conceber o espaço como ausência vem evidentemente de um

¹⁵ Tiro a questão de se as culturas são percebidas ou não como completas de Roy Wagner. Trata-se, evidentemente, de uma questão sem a qual o trabalho não poderia ter sido escrito. Reconheço também minha dívida para com um manuscrito não publicado de James Carrier: "Conteúdo cultural e significado prático: a construção de símbolos na cultura formal americana". O paralelo aqui entre a criança que é considerada (in)completa e a cultura vista como (in)completa é um exemplo da homologia que os ocidentais traçam entre pessoas e sociedade. STRATHERN, M. *The Gender of the Gift. Problems with Women and Problems with Society in Melanesia*. 1988: Berkeley & Los Angeles, University of California Press, 1988, 135, 323 etc.

conceito prévio de língua ou cultura como conjunto de relações positivas, mas parciais entre "coisas". Assim, as mulheres americanas de Martin podem "ver a maneira inextricável em que nossas categorias culturais estão relacionadas e perceber a falsidade das dicotomias".¹⁶ Nessa visão, pensar no que é deixado sem dizer pode significar a percepção de outra dimensão. O poder está em imaginar a ausência como uma espécie de presença, como ao relembrar outros autores cuja autoridade o antropólogo desaloja, ou tomar presente a "ausência" do corpo perceptível cujas funções não têm presença ostensiva nas práticas sociais/culturais.

Contudo, povos que não consideram a cultura como construída, como conjuntos de relações entre coisas, não teriam "nosso" interesse em **descobrir** tais espaços. Ao contrário, podemos descobrir que eles criam deliberadamente ausências, apagam deliberadamente a memória de eventos¹⁷, criam relações não pela reunião de pessoas, mas separando-as¹⁸, e longe de se perturbarem com o que não é dito, tomam parte do discurso cotidiano sobre o discurso que as palavras sejam enganadoras. Isso, pelo menos, é o que se diz comumente da Melanésia.¹⁹

¹⁶ MARTIN, E. *The Woman in the Body*. Op.cit., p.200.

¹⁷ Ver BATTAGLIA, D. Punishing the yams: leadership and gender ambivalence on Sabarl. In: GODELIER, M. and STRATHERN, M. (eds.) *Big Men and Great Men. Personifications of Power in Melanesia*. Cambridge, Cambridge University Press, 1991. Mais do que as citações permitem ver, este ensaio foi influenciado pela análise de Battaglia dos espaços e ausências que os Sabarl melanésios criam para si mesmos.

¹⁸ Ver p. ex. MERLAN, Francesca. Aspects of Ritual and Gender Relations in Aboriginal Australia. Seminar Paper, Australian National University, dezembro de 1986.

¹⁹ O relato de Wagner (WAGNER, R. *Asiwinarong: Ethos, Image, and Social Power among the Usen Barok of New Ireland*. Princeton, NJ, Princeton University Press, 1986.) sobre o ceticismo provocador dos Barok da Nova Irlanda é pertinente aqui, como é a descrição de Lattas (s.d.) dos Kaliai da Nova Bretanha, cujas construções verbais e rituais são compreendidas por eles mesmos como truques. A fala não é mais nem menos encenada do que outras representações - a apresentação do "homem

Com efeito, os melanésios podem supor que as palavras são enganadoras. A linguagem é leve demais para carregar o peso de aprender e estruturar com que os ocidentais às vezes a investem. Com certeza, há melanésios que talvez julguem esquisita a sugestão de que se pode expor autoridade ou subverter ideologia mediante a manipulação das palavras.²⁰ Em vez disso, significados alternativos, como outras pessoas, estão sempre presentes.

Feminismo incompleto

Seja por meio de exumação ou paródia do excesso, é mediante o uso da palavra que as críticas feministas recentes têm tentado subverter a pressão do discurso falocêntrico.²¹ Ao contrário, o fato de não desestabilizar a linguagem por meio de estratégias como revestimento metafórico, ramificação e elisão é considerado como revelador de um compromisso com a velha ordem. Essa é, com efeito, a crítica de Kirby²² à minha obra²³. Ela afirma que na medida em que desconhece a prática

público" (W AGNER, R. Daribi and Barok images of public man: a comparison. In: LANGNESS, L.L. and HA YS, T.E. eds. *Anthropology in the High Valleys*. Novato, California, Chandler and Sharp, 1987.), a revelação de atos realizados (BIERSACK, A. Ginger gardens for the ginger woman: rites and passages in a Melanesian society. *Mal/*, N.S., n° 17, 1982.), uma alternativa à troca como um gesto de sociabilidade (STRATHERN, M. Discovering social control. *Journal of Law and Society*, n° 12, 1985, pp.111-34). Não é, portanto, somatório delas.

²⁰ Isto é, solapar dessa forma os componentes abstratos dos quais a cultura é "feita".

²¹ cf. WEEDON, C. *Feminist Practice and Poststructuralist Theory*. Oxford, Basil Blackwell, 1987.

²² KIRBY, V. Capitalizing difference... Op.cit.

²³ STRATHERN, M. Dislodging a world view: challenge and counterchallenge in the relationship between feminism and anthropology. *Australian Feminists Studies*, n° I, 1985.

desconstrutiva, minha escrita atola-se nos tipos de binarismos pelos quais o tratamento que a antropologia dá ao "outro" também deve ser criticado. Estou politicamente contaminada sem ter a visão de explorar essa contaminação. Na verdade, embora a crítica dela se refira a um artigo, é eficaz no contexto de outra obra em que pretendo descrever variedades da produção feminista anglófona, onde contudo o "feminismo desconstrutivista" não está nem na lista.

Sou provocada então a pensar sobre como a prática desconstrutiva, ou a fala sobre ela, é posta a serviço de uma produção feminista que trata também de questões afeitas às antropólogas.²⁴ Kirby refere-se às feministas como "críticas culturais". Que conceito de cultura leva alguém a defender, como ela o faz, a possibilidade de ruptura cultural? Só pode ser, penso, a idéia de cultura como construção.

Um feminismo que tem prazer em mergulhar escorregando **no declive intervalar dos significados ou margens de uma cultura** arrisca exceder a repetição de um eu-mesmo, homogeneizado, fronteira/ordem controlável - um risco estimulante que será chamado de traiçoeiro, subversivo, irracional. Um feminismo dentro da antropologia pode deleitar-se no sentimento de que seus prazeres escapam aos usos-valores da disciplina, utilizando seus axiomas somente para fazê-los escorregar e colidir um contra o outro até que enfraqueçam e comecem a fraturar.²⁵

²⁴ KIRBY, V. Capitalizing difference... . Op.cit., p.20.

²⁵ Id., ib., p.19. (Ênfase minha.)

Marilyn Strathern

Uma máquina coercitiva; em protesto contra minha ligação aos binarismos, ela escreve:

A tentativa de Strathern de interceptar exige a interceptação do próprio debate, em vez da cuidadosa desconstrução de seus termos. Acho melhor argumentar contra o apetite violento da dialética hegeliana a partir da posição que se é **compelida a ocupar** dentro dela. Embora presa dentro do "mecanismo", não há lugar melhor de onde cooperar secretamente com uma interrupção destruidora de sua maquinaria.²⁶

Ademais, o que quer que outros possam afirmar em favor da relação entre desconstrução e pós-modernismo²⁷, ela distingue as preocupações do feminismo da mesma forma que o corpo feminino dá distinção às reflexões das mulheres.

Apesar da promessa do pós-modernismo de ambigüidade e multiplicidade, de outras vozes e espaços aparecerem nos textos representacionais, sua retórica tece com frequência um fechamento estético contra "velhas narrativas" que falavam de poder, posições e compromissos. No discurso da

²⁶ Id., ib.

²⁷ Por exemplo, FISHER, M.M.J; MARCUS, G. and TYLER, S.A. Response to Sangren, "Rhetoric and the authority of anthropology". *Current Anthropology*, n° 29, 1988, pp.425-6: "o pós-modernismo não é uma ordem construindo ideologia, mas a dissolução desconstrutiva, paródica, entrópica do poder"; eles usam o termo pós-moderno ironicamente, referindo ao fato de Sangren colocar na mesma categoria as modas desconstrutivas e pós-modernistas. SANGREN, S.P. Rhetoric and the authority of ethnography: "post modernism" and the social reproduction of texts. *Current Anthropology*, n° 29, 1988.

Entre uma melanesianista e uma feminista

"vanguarda" contemporânea, a metáfora da mulher funciona como significante do labirinto, a criptica, sinistra prega dupla dentro da qual o excesso de significado está fechado/escondido mesmo quando sua verdade é confundida num enigma eterno. Mas para a própria mulher, ela está sempre posicionada dentro da significação corpórea de sua corporificação material. Ela é colocada, ou "naturalizada", dentro das infindáveis mutações dos disfarces da feminilidade. Essas demandas representacionais simbólicas tramam as dimensões reais através das quais sua vida é vivida, compreendida e portanto, aprofundada em sua significação atual.²⁸

A intenção dela não é destruir ou transcender o mundo cotidiano de significados/valores, mas dar-lhes intenção política:

a necessidade que o **corpo da mulher proporcione um espaço** de onde possa ser gerada uma nova morfológica para pensar e falar também age para garantir a obstrução de um derrapamento "pós-político" para a falta de posicionamento prenunciada do pós-modernismo.²⁹

A promessa é de terrorismo, uma disrupção contínua da maquinaria. Pois embora não haja sugestão de que não estamos todos implicados em sua perpetuação, língua e cultura são

²⁸ KIRBY, V. *Capitalizing difference...* Op.cit., p.20. ²⁹ Id., ib. (Ênfase minha)

²⁹ Id., ib. (Ênfase minha)

personificadas como tendo uma autoria masculina genérica.³⁰ Reinscreve-se o que fora descrito por outros interesses. Somente a suposição de que a língua foi manufaturada segundo especificações do "outro" poderia tomar tal movimento político e subversivo.

Esse movimento pode ser imaginado como uma passagem entre o que está na superfície e o que está escondido. É uma poderosa atração de conversa desconstrutiva que ele fale sobre entrar no meio, sob ou além das palavras, traíndo a fixidez delas ao mostrar como elas podem ser dissolvidas umas nas outras, retirando o andaime da divisão entre interior e exterior. Em vez de perscrutar as palavras em busca de seus significados "verdadeiros", elas são reftatadas, des-essencializadas.

Uma tal crítica politizada do logocentrismo sugere que cultura e linguagem podem, por sua vez, ser imaginadas como sustentadas para a vantagem de alguém. Deslizar entre as coisas é revelar quão parcial são as construções: os sentidos só podem ser feitos por alguns a custa de outros, e os traços desse custo e dos outros permanecem enigmaticamente ali. Deslizamento "entre", como Kirby adverte, recobre a alteridade involuntária, ou a omissão inadvertida, como a omissão de contribuições feministas de *Writing Culture*, com respeito à de outro modo determinante mas desse modo incompleta cultura.

Algumas dessas questões são recapituladas por Threadgold. Ela afirma que a microestrutura dos textos atua como uma "realização de, uma metáfora de, estrutura social e cultura"³¹, de tal forma que a linguagem é apenas um aspecto do

³⁰ Id., ib., p.5: "estruturas epistemológicas e psíquicas da dominação masculina e ocidental proporcionaram as garantias necessárias para sustentar a ordem"; (Id., ib., p.6): "A mulher não é mais o enigma que uma perspectiva masculinista acha tão fascinante... [se] ela se torna um perigo para essa perspectiva ao exceder sua ordem".

³¹ THREADGOLD, T. Language and gender. *Australian Feminist Studies*, n° 6, 1988, p.42.

contexto e o contexto é construído de linguagem. "Textos são construídos de outros textos, outras vozes, as vozes da heteroglosa da cultura e do sistema social".³² Porém, o problema de fazer as palavras significarem não é exclusivamente feminista, pois não é a linguagem que os homens controlam, mas o acesso a modos valorizados de significação. O que homens e mulheres fazem com a linguagem mostra "como o fazer é constrangido por relações de poder existentes, orientações codificantes subjetivas e acesso a gêneros e discursos"³³ Em sua visão, não é a linguagem que oprime, mas as formas econômicas, políticas e discursivas que controlam acessos diferenciais. Precisamos

de uma articulação não-hierárquica de masculino e feminino na linguagem que não a mantivesse como uma oposição, ou a invertesse, ou a igualasse, mas envolvesse a construção de alteridade para homens e mulheres **em sua diferença...** Mas isso só ocorrerá mediante mudança genérica e uma visão do que é a linguagem que envolva o deslocamento/derrubada das dicotomias carregadas de valor que ainda estão implícitas em discussões que veriam as mulheres falando, enquanto corpos, numa entonação e sintaxe fraturada, e deixaria os homens (ainda descorporificados) falando em gramática e lógica.³⁴

Um estratagema deliberado é assim exigido para superar a reinstalação das dicotomias que as feministas questionam ao

³² Id., ib.

³³ Id., ib., p.64. (Ênfase no original.)

³⁴ Id., ib., pp. 65-6. (Ênfase no original.)

promover sua contra-realidade de corpos femininos.³⁵ Contudo, é o próprio estratagema que produz os endossos inadvertidos dos conceitos que se tenta erodir.³⁶ As alternativas parecem estar entre a lógica e sua fratura: o deslizamento é subversivo porque as palavras são significativas nelas mesmas, é liberador porque a linguagem aprisiona o significado.

Um resultado, aponta Threadgold, é que as leituras anglo-americanas não batem com os novos gêneros dos textos feministas franceses.

A teoria da linguagem de Kristeva e Irigaray, lida **literalmente**, está envolvida em manter as próprias dicotomias, o logocentrismo e a metafísica que elas, Derrida e a teoria semiótica social criaram para desconstruir. Porém, na verdade, sua prática teórica, que utiliza essas noções **metaforicamente** é extraordinariamente poderosa. Seus textos devem ser lidos como **metáfora, jogo, paradoxo**, e como uma subversão genérica. Somente um gênero diferente de

³⁵ Id., ib., pp.44, 63: "O autor masculino pode estar morto, mas o sujeito **corporificado** feminista do humanismo liberal ameaça usurpar seu lugar. A linguagem das mulheres será uma linguagem que não observa as leis da sintaxe. Ela se caracterizará por uma pluralidade de sentidos e um rompimento da unidade de significado e significado, uma subversão da noção de sentido único, o sentido apropriado das palavras" (Id., ib., p.62, ênfase minha). Comparar com a adoção **deliberada** de Harding da instabilidade das categorias analíticas no pensamento feminista. HARDING, S. The instability of the analytical categories of feminist theory. *Signs: Journal of Women Culture and Society*, nº 11, 1986.

³⁶ "As normas genéricas são situações ratificadas socialmente e tipos de texto que iniciam instantaneamente os conjuntos de escolhas que conduzem os sistemas dominantes de idéias e crenças (visões de mundo, ideologias, epistemes) e suprimem a heteroglossa social, o conflito cultural e a intertextualidade a partir das quais são construídos. Eles assim reproduzem e transmitem a semiótica social... e as contradições e conflitos que poderiam transformá-la". THREADGOLD, T. Op.cit., p.64. (Ênfase do original).

Entre uma melanesianista e uma feminista

leitura evitará a reafirmação da metafísica da presença através de suas obras.³⁷

Por exemplo, Alcoff³⁸ vê as feministas pós-estruturalistas atacando o conceito do sujeito autêntico oprimido, na dupla asserção de que não há sujeito autêntico e nenhuma opressão no sentido humanista. Uma vez que isso faz de todas nós "constructos"³⁹, ela conclui que um feminismo desconstrutivista só pode ser uma estratégia negativa, a afirmação da diferença total que não pode ser fixada ou subjugada dentro de uma hierarquia dicotômica. "A luta política só pode ter [nas palavras de Kristeva] 'função negativa', 'rejeitando tudo finito, definido, estruturado, carregado de sentido, no estado existente da sociedade' ".⁴⁰

Com Threadgold, poderíamos dizer que Kristeva está comentando metaforicamente sobre a impossibilidade de ocupar ou não ocupar um espaço ou posição. Alcoff a lê literalmente como propondo uma prática política impraticável. Portanto, ela assevera, o feminismo precisa explorar uma teoria de um sujeito sexuado (um eu individual ou "agente"); sua solução é compreender a mulher como posicionada por uma rede de relações. As mulheres podem "usar sua perspectiva posicional como um lugar a partir do qual os valores são interpretados e construídos, em vez de como um *locus* de um conjunto já determinado de valores".⁴¹ Alcoff parece satisfeita com descobrir

³⁷ Id.,ib. P.63. (Ênfase no original.)

³⁸ ALCOFF, L. Cultural feminism versus post-structuralism: the identity crisis in feminist theory. *Signs*, n° 13, 1988.

³⁹ Id., ib., p.16.

⁴⁰ Id., ib., p.418

⁴¹ Id., ib., p.434.

o posicionamento das mulheres como o espaço que **acontece** de elas ocuparem - uma localização acidental ou inadvertida. O ponto significativo, onde quer que ela esteja, parece ser que "a identidade de uma mulher é o produto de sua própria interpretação e reconstrução de sua história".⁴²

Threadgold e Alcott, lingüista e filósofa, estão ambas preocupadas com a prática política, mas onde uma vê o jogo verbal como a subversão potencial dos gêneros do sujeito (inclusive da "subjetividade"), a outra quer tomar a própria subjetividade visível como "uma interação fluida em movimento constante e aberta à alteração pela prática auto-analisadora".⁴³ Na medida em que esses exemplos mostram uma diversidade de abordagens na direção do feminismo desconstrutivista, a questão levantada contra mim é que no final dos anos 80 qualquer balanço da produção feminista está incompleto se não tiver traços de prática desconstrutivista.

Há uma ironia pessoal nisso. Não somente meu primeiro livro sobre a Melanésia se chamava *Women in Between*, como me vi **tirando a palavra "desconstrução"** de obra mais recente⁴⁴ hesitando em me apropriar de um termo a cujo contexto teórico não tinha acesso. Evidentemente, isso é ser escrupulosa depois do já acontecido: a idéia já tinha feito seu trabalho no texto.

Contudo, a que idéia o termo "desconstrução" parecia aplicável? Minha utilização não era informada por sutilezas literárias ou filosóficas. Dado o argumento geral de que o povo da Melanésia não trabalha com conceitos de sociedade e cultura,

⁴² Id., ib.

⁴³ Id., ib., p.425.

⁴⁴ STRATHERN, M. *The Gender of Gift*. Op.cit.

eu simplesmente queria virar de cabeça para baixo a noção ocidental de que a sociedade é "construída" descrevendo atividades coletivas que aparentemente têm por objetivo um efeito oposto. As relações de grupo tais como aparecem em compromissos entre clãs ou rituais de iniciação são efetivas na medida em que desmontam relações pré-existentes. Porém, os termos desconstituição e decomposição transmitiam meu sentido.

Sem nomeá-la assim, eu talvez estivesse descrevendo uma "prática desconstrutiva". Os melanésios desmontam relações revelando camadas escondidas; trazem à superfície o que não é dito, evocam presenças da sombra, não permitem resumo final ou glosa e, com efeito, desempenham uma alteridade de gênero de tal sofisticação que faria um ocidental empalidecer. Ademais, essas práticas são encontradas em períodos de eventos, em performances que têm, como textos escritos, uma forma estética específica.

Mas há também uma diferença e isso tem a ver com a relação entre acidente e estratégia. Suas inversões e justaposições não são percebidas como omissão incidental ou exumação de alteridade suprimida, e a revelação de sentido escondido e múltiplo não é necessariamente subversiva. Ao contrário, as declarações públicas podem ser consideradas subversivas⁴⁵ e as interpretações múltiplas deliberadamente tramadas. Uma pessoa ou artefato com um conjunto de conotações pode, no curso de uma performance, ser radicalmente re-presentada em outra.⁴⁶ **Supõe-se** que tal ação

⁴⁵ HARRISON, S. Concepts of the person in Avatip religious thought. *Mall* (N.S.), n° 20, 1985; TUZIN, D.F. Ritual violence among the Iahita Arapesh. In: HERDT, G. (ed.) *Rituals Of Manhood*. Berkeley & Los Angeles, University of California Press, 1982.

⁴⁶ GILLISON, G. The flute myth and the law of equivalence: origins of a principle of exchange. In: GODELIER, M. and STRATHERN, M. (eds.) *Op.cit.*; WERNER, R.P. Trickster and the eternal return: self-reference in West Sepik world renewal. For

deliberada funciona amiúde trazendo o interior para a superfície. Com efeito, essa estética penetra em tudo: não há forma reconhecida - a casa dos homens, corpos masculinos e femininos, um presente de comida - que não esteja sujeito a esse esforço de decomposição. Mas os "sentidos" de tais atos são sempre os mesmos: tornar evidente a aptidão social (cultural) das pessoas, ou "socialidade" (*sociality*).

Quando a socialidade é rotineiramente evocada mediante sucessivas apresentações, uma imagem concreta substitui outra imagem igualmente concreta. As interpretações podem ser idiossincráticas, leituras nesse sentido múltiplas, mas a forma que cada imagem assume é "completa".⁴⁷ No que se refere às palavras ou à *performance*, não há um entre a ser trazido à luz. Não há nada que não seja escondido **ou** revelado, pois o que está escondido, está escondido até ser revelado e o que é revelado, é revelado a fim de ser escondido. Ao contrário da prática discursiva positivista que supõe que algo trazido à superfície ficará ali, e ao contrário do desconstrucionismo que supõe uma infinita disseminação de referências, os melanésios tratam de esconder novamente o que tomaram conhecido, pois pressupõem particularismo, mas não essencialismo. Quando se revela algo, não se revela sua essência ou segredo: revela-se que contém outra coisa! Não se pode olhar dentro de uma pessoa para descobrir a pessoa verdadeira: encontram-se, em vez disso, outras pessoas (particulares).

Embora a popularização interdisciplinar da prática desconstrutiva permita-me pensar sobre os melanésios de certas maneiras, as práticas deles não podem ser apresentadas como exemplo disso. Eles não estão fazendo desconstrução no sentido

Symposium, JULLERA T, B. (ed.) *Mother's Brother is the Breast: Ritual and Meaning in the West Sepik*. Washington DC., The Smithsonian Institute. (no prelo.)

⁴⁷ WAGNER, R. The fractal person. In: GODELIER, M. and STRATHERN, M. (eds.) Op.cit.

ocidental porque não têm premissas construcionistas. Se a socialidade é imanente, não pode haver esforço perceptível para a "construir" ou "desconstruir".

Contudo, se meu problema é porque tinha de deixar de fora a desconstrução num trabalho sobre a Melanésia, ao contrário, pode haver bons motivos para inclui-la a propósito da sociedade ocidental. Proponho tramar uma separação entre os casos melanésio e ocidental a fim de capitalizar a crítica de Kirby ao binarismo, para dar uma olhada em outra forma de transmitir similaridade e diferença que não requer a ontologia de uma economia oposicional. Porém, requer a diferenciação entre meios e fins.

O fim é exemplificar certos modos duais mas não binários de imaginar derivados de minha compreensão dos procedimentos simbólicos melanésios. Formas diferentes podem ser percebidas substituindo umas as outras de tal modo que cada uma ocupa inteiramente o espaço da outra, como uma alternativa que não é o inverso simples nem a negação da forma anterior. Assim, poderíamos imaginar adulto e criança, pai e filho: o que no pensamento binário ocidental poderia ser concebido como opostos, nas formulações melanésias que quero transmitir é concebido como recapitulações não mediadas ou refigurações um do outro. Uma consequência é que não há "entre" aqui, nenhuma brecha ou distância entre as duas formas. (Outras maneiras de imaginar essas relações assumem de fato uma forma mediada, como quando duas partes são consideradas trocando características entre elas e assim criando uma relação que não é de ambas. Não estou tratando dessas simbolizações aqui.) A fim de fazer as refigurações aparecerem, no entanto, os melanésios podem estabelecer dicotomias, como entre exterior e interior. Não há oscilação entre interioridade e exterioridade, como Kirby

gostaria, mas de fato um deslocamento.⁴⁸ Assim, o masculino pode ser percebido contendo o feminino e vice-versa, sem haver nada borrado ou ambíguo sobre ambos os gêneros. Um é uma versão do outro, numa forma "diferente".

Com o objetivo de fazer essa outra forma de pensamento parecer algo que não é o inverso ou a negação das formas ocidentais, pois não foi desenvolvida em relação a elas, sou constrangida pelo fato de que não há, evidentemente, um "caso melanésio" que não seja uma projeção ocidental. portanto, eu o "revelo" deliberadamente por meio de um binarismo firmemente localizado num contraste nós/eles que funciona por inversão e negação. São esses os meus meios. Não a regressão infinita de terceiros (mediadores) termos, mas uma estratégia de deslocamento. Tento assim apresentar o discurso ocidental como uma forma mediante a qual o discurso melanésio pode aparecer. Se pensarmos sobre isso, o "discurso melanésio" pode evidentemente não ter outro *locus*. Contudo, a transparência da ficção irá, espero, indicar simultaneamente que a vida de uma forma não é apropriada pela outra e certamente não é residual a ela.

"Concepção e des-concepção"

Dois aspectos notáveis surgiram da análise de Martin. Primeiro, a capacidade das mulheres de resistir às convenções sociais por meio de seus corpos e seu acesso a experiências ausentes ou negligenciadas são normalmente suprimidos "abaixo da superfície" da vida cotidiana. Em segundo lugar, diversas funções fisiológicas aparecem reunidas no discurso ocidental como "um corpo". Coisas que acontecem a diferentes partes são

⁴⁸ Embora o deslocamento possa ocorrer em qualquer escala e envolva um grande número de momentos diferentes de ocultamento e revelação.

assim vistas como desmontando o corpo, de tal forma que a pessoa a quem pertence o corpo também se sente desmontada. Quando os cirurgiões se preocupam com suas funções particulares, a experiência é ao mesmo tempo de que coisas estão sendo feitas *ao* corpo e que o corpo está dividido. "As mulheres representam-se fragmentadas - sem um senso de autonomia no mundo e carregadas por forças fora de seu controle".⁴⁹

Martin⁵⁰ comenta sobre a função de eliminação desse modo problematizada. Ela sugere uma conexão entre cuidar do "corpo" da família e a consciência das mulheres de estarem fundadas numa atividade mais concreta do que o trabalho dos homens fora de casa lhes dá. As mulheres têm de administrar seus corpos - inclusive seus eflúvios embaraçantes - tal como o lar.

Gostaria agora de transmitir uma compreensão diferente da vida social. Utilizar a concretude de certas formas para produzir outras implica preservar sua estabilidade; assim, eu disponho desses conceitos virando-os de cabeça para baixo. Pensemos numa cultura em que as experiências corporais não são escondidas para serem encontradas como conhecimento secreto que resiste ao controle social, mas onde elas são objeto de atenção aberta tanto de homens como de mulheres. É uma cultura que não hipostasia "o corpo" enquanto tal, pois ele não é uma presença externa e possuída, um todo integrado, mas onde ao contrário, as imagens do corpo sugerem tanto disjunção como conjunção social. Onde, com efeito, cada corpo é composto de diferentes identidades; onde os corpos não pertencem às pessoas, mas são compostos das relações das quais uma pessoa é composta. Por fim, uma cultura onde a "partibilidade" ou

⁴⁹ MARTIN, E. *The Woman in the Body...* . Op.cit., p.194

⁵⁰ Id., ib., p.201.

fragmentação de pessoas/corpos não é o resultado não intencional, mas o **objetivo** explícito das ações das pessoas tanto quanto é sua unidade.

Tomemos o caso de um povo da Província Central de Papua Nova Guiné, que dá atenção considerável aos estágios da gravidez e parto das mulheres.

Os Mekeo do norte compreendem duas tribos endogâmicas.⁵¹ Dentro de uma tribo as pessoas pensam-se portanto como parentes. Contudo, uma vez que apenas "não-parentes" podem casar, a tribo é também dividida em quatro clãs intermatrimoniais (exogâmicos). Imediatamente após o casamento, a noiva

Recebe diariamente quantidades enormes de plantas fervidas junto com o caldo para aumentar a quantidade de sangue uterino em seu abdome. Com esse ingurgitamento contínuo, em poucas semanas a noiva fica visivelmente gorda. Em termos indígenas, seu corpo está também molhado com bastante pele e sangue. Durante esse período, ela não trabalha, pois isso desviaria o sangue de seu abdome. Em vez disso, fica sentada todos os dias dentro de um mosquiteiro, à disposição virtual de seu marido...

⁵¹ Meu relato baseia-se fortemente no inspirado ensaio de Mosko (MOSKO, M. Conception, de-conception and social structure in Bush Mekeo culture. *Mankind*, Special Issue. JORGENSEN, D. (ed.) *Concepts of Conception: procreation ideologies in Papua New Guinea*, 1983.), bem como em sua monografia de 1985 (*Quadripartite Structure. Categories. Relations and Homologies in Bush Mekeo culture*. Cambridge, Cambridge University Press, 1985); sou também grata aos seus comentários diretos sobre minha versão de seu relato. O caso dos Mekeo é pertinente na discussão na medida em que não aparece em Strathern (STRATHERN, M. *The Gender of the Gift...* . Op.cit.), e de fato, meu argumento foi construído independentemente dele. Todavia, eu lera seu livro no rascunho e suponho que deve ter influenciado minha obra. Aproveito esta oportunidade para reconhecer seu efeito. O artigo, eu descobri *post hoc*.

Ao longo de tudo isso, os membros da tribo dizem que o corpo da noiva está "aberto" (*aisekupu*). Comida e bebida passam de fora para dentro de seu corpo em quantidades consideráveis. Em consequência, os dejetos também aumentam seu fluxo de dentro para fora... Embora as relações sexuais sejam suspensas assim que se reconhece a gravidez, o corpo da noiva é mantido "aberto" com um fluxo relativamente alto dessas coisas... Com efeito, o corpo da noiva atinge sua condição mais "aberta" no momento do nascimento, quando a criança emerge.⁵²

Na superfície disso, há uma cultura que impõe suas idéias de maternidade ao corpo das mulheres. Contam-nos dos desconfortos das acompanhantes e do confinamento da mulher à casa de onde não pode sair desacompanhada.⁵³ Perversamente, depois da concepção, o engordamento cessa e a mulher agora grávida começa a comer menos e volta a trabalhar na horta. A alimentação forçada parece uma tentativa um tanto bisonha da parte dos homens de metaforizar sua própria atividade a fim de garantir que as mulheres engravidem.

Mas parar o relato neste ponto seria prematuro. Não são os homens que na verdade alimentam a noiva a força, mas as mulheres da família do noivo: elas sentam-se com a moça enquanto ela come e examinam minuciosamente o desenvolvimento dela. Ademais, não é somente o corpo da noiva que é o foco da atenção reprodutiva. O corpo do noivo está em sincronia, pois as atividades políticas de um homem estão afinadas com seu ciclo reprodutivo.

⁵² MOSKO, M. Conception, de-conception... . Op.cit., p.25.

⁵³ MOSKO, M. *Quadripartite Structure*. Op.cit., pp.74-5.

Seu corpo está... aberto enquanto ele se empenha em intensa atividade sexual procriadora com sua noiva. E com efeito, a fim de sustentar o fluxo constante... ele deve ter uma dieta tão abundante quanto possível. Porém, quando se percebe a gravidez de sua mulher, o noivo começa a "fechar" seu corpo... Pois nos dias anteriores à pacificação, a guerra era uma ameaça sempre presente. Para proteger... sua esposa, filhos e outros companheiros de aldeia, um homem tinha de assegurar-se que a feitiçaria de guerra de grupos inimigos não pudesse penetrar em seu corpo através de orifícios "abertos". Da mesma forma, a fim de preparar sua própria feitiçaria de guerra agressiva, um homem tinha de "fechar" seu corpo de forma a não permitir a entrada dos nefandos ingredientes de seu próprio feitiço. Portanto, quando sua mulher ficava grávida, o noivo começava o ritual de aperto... Essa versão masculina do fechamento é realizada com a abstinência sexual e a observância de regras complexas de jejum com relação a comida e bebida. São necessários cerca de seis meses desse regime para atingir um estado de "fechamento" completo e então o corpo do noivo é considerado fino, leve e seco.⁵⁴

A diminuição da dieta da mãe depois da concepção antecipa um processo semelhante de "aperto". Porém, o corpo da mulher permanece "aberto" mais tempo que o do homem:

⁵⁴ MOSKO, M. Conception, de-conception... . Op.cit., p. 26.

enquanto a mãe modera sua dieta, abstém-se de sexo e cuida da criança, seu corpo permanece geralmente "aberto". Mas aos poucos ela inverte o processo; ela "fecha-se" (*ekupu*). O "fechamento" completo de seu corpo é realizado quando... ela ajusta seu regime diário e desmama seu filho na idade de um ano e meio ou dois anos. Essa é a condição mais "fechada" que uma mulher pode alcançar. Contudo, dura apenas um instante, pois então ela deve reiniciar as relações sexuais com seu marido, modificando assim sua dieta para "abrir" seu corpo novamente.⁵⁵

Mas se o regime ainda parece a forte imposição da "cultura" regulando ritmos fisiológicos, o que os Mekeo fazem disso? O que é o corpo que é objeto de atenção?

Voltemos à mulher tentando conceber, empanturrando-se de comida. Sua pele superficial toma-se úmida e gorda. Mas assim que tem uma criança dentro dela, essa condição externa muda. É como se a mulher se fetalizasse inicialmente, seu corpo sendo uma imagem do filho que terá. Isso antecipa sua própria transformação de ser o feto do lado de fora para conter o feto dentro de si. Nesse sentido, a mãe já está completa com criança (= seu corpo) antes da concepção.⁵⁶ Na verdade, a concepção,

⁵⁵ Id., ib.

⁵⁶ A interpretação é minha. Cito a reação de Mosko (comunicação pessoal): "Ainda não sou capaz de me declarar confiante nela até ter certeza de que a compreendo corretamente. Sim, penso que é provável que a mulher pré-grávida está sendo fetalizada, mas não simplesmente "do lado de fora". Em vez disso, eu chamaria atenção particular para a continuidade entre a pele úmida, gorda, sangüínea da mulher fora de seu corpo e a "pele" invertida de seu útero. [A referência a um interior invertido relaciona-se com as concepções de espaço dos Mekeo (ver adiante).] Ambas as porções de pele poderiam ser vistas como encerrando fetos. Se assim for, então a mãe seria antes invaginada por sua própria pele de pré-gravidez ingurgitada assim como seu filho está encerrado pela pele dobrada e cheia de sangue de seu útero após a gravidez, mas antes do nascimento. Isso pode não ser exatamente o que você está

que a completa de uma maneira diferente, também começa o longo processo de partição pelo qual o corpo da mãe é de composto, tornado incompleto, no nascimento do filho saído dele.

Os Mekeo estabelecem uma equação entre superfícies de corpos e clãs.

[Há] uma conexão metafórica entre as noções indígenas de "corpo" (*kuma*) e clã. Com efeito, eles dizem das mulheres de seu clã que elas são a "pele" (*fanga*) do clã. Através de suas mulheres ou pele, o sangue de um clã sai e mistura-se procriadoramente com os sangues de outros clãs.⁵⁷

Quando o corpo do clã é considerado aberto a influências de outros, podemos dizer que apresenta uma imagem fetalizada das mulheres em seu estado aberto. O feto talvez seja assim uma homologia de clã em um de seus modos, pois o mesmo corpo do clã está também aberto na imagem do homem sexualmente 'Itivo. O primeiro modo indica o clã vulnerável à influência de outros, o segundo, sua capacidade de influenciar outros clãs. Mosko observa que da mesma forma que os casais devem "fechar" as fronteiras comuns de seus respectivos corpos antes de começar outro filho, os corpos dos clãs devem periodicamente desmisturar os sangues que misturaram e "fechar" suas fronteiras mútuas. O clã decompõe-se - extrai os membros femininos de seu corpo - a fim de fazer casamentos com outros clãs; isso significa que a unidade política mais ampla da tribo, composta de seus clãs constituintes, é decomposta por

dizendo, mas produz o mesmo resultado - uma mãe pré-gravidez fetalizada e creio. em termos bem próximos da compreensão indígena".

⁵⁷ MOSKO, M. Conception, de-conception... . Op.cit., p. 27.

sua vez. O ciclo reprodutivo de uma mulher toma-se afinado com a vida política.

Podemos perguntar o que essas imagens excluem. (1) Elas impedem a idéia de um progresso linear da infância à idade adulta. Os corpos adultos retomam periodicamente ao estado fetal: a mãe é tomada visível como o filho que carregará. Contudo, (2) essa fetalização não é infantilização, uma reversão a algum estágio pré-social. Ao contrário, a imagem do feto é também a imagem da envergadura mais ampla de agrupamentos políticos, uma homologia da tribo. (3) Elas não apresentam corpos como idealmente em algum tipo de estado permanente. Nenhuma forma Única a ser "realizada", essas idéias implicam uma constante relativização de aparência, de tal forma que uma forma corporal leva à outra, uma oscilação entre composição e decomposição, entre um estado de completamento e tornar incompleto.

Completo, o corpo é seco, fechado. Assim, o recém-nascido passa de uma condição gorda, Úmida, excretando fezes Úmidas, à criança desmamada, que excreta seco.⁵⁸ O leite materno, feito da carne fornecida pelo pai, "completa" a criança ao replicar externamente sua constituição interna.

Pai e mãe concebem um filho com a mistura de seus sangues sexuais... em proporções iguais no "abdome" (*ina*) da mãe. O termo 'abdome'.. . é também o termo consangüíneo para "mãe" (*ina*). Em qualquer caso, cada filho recebe metade de seu sangue hereditário do pai, metade da mãe.⁵⁹

⁵⁸ MOSKO, M. *Quadripartite Structure...* . Op.cit., p.85

⁵⁹ Id., ib., p.25.

O feto/criança é composto de duas metades, como a tribo inteira é composta de duas metades.⁶⁰ As metades são seccionadas, da mesma forma que os sangues da criança vêm tanto dos clãs do pai e da mãe de seu pai quanto dos clãs do pai e da mãe de sua mãe. Um microcosmo de relações entre quatro clãs, ele "contém" essas relações dentro dele.

No que se refere à "moldagem", a criança não **se parece** com a tribo: ela "é" a tribo. As relações sociais não são apresentadas à criança como algo a ser aprendido e adquirido do exterior, pois a criança já tem a sociedade dentro dela. O que tem de acontecer aos olhos dos Mekeo do norte é que a criança completa deve, por sua vez, ser desmontada, pois se não se tomar aberta, não poderá entrar em transações e não poderá conceber. Como vimos, clãs internos de uma tribo abrem-se uns aos outros. Isso é feito mediante prestações.

O clã do pai do noivo dá coisas de valor e porcos ao clã do pai da noiva, e o clã da mãe do noivo... ao clã da mãe da noiva... Diz-se dessas trocas paralelas que elas são "manipulação de sangue". . . Ao "manipular sangue", os parentes confessam ficticiamente que não são parentes, que são "sangue diferente" na troca matrimonial... criando a ficção pública de que noiva e noivo, com os mesmos quatro sangues de clã de procriação em seus corpos, têm

⁶⁰ A tribo endogâmica, que na maioria dos contextos fora da guerra constitui o limite da... sociedade Mekeo, consiste de metades patrilineares exogâmicas... cada uma seccionada em dois clãs nomeados. O termo para clã, ikupu, é na verdade a forma nominativa da palavra para "fechar" (*ekupu*), como quando marido e mulher "fecham" seus corpos um para o outro. Cada clã "fechado" possui suas próprias terras, chefes hereditários e feiticeiros, parafernália ritual... [e] membros de um clã ou metade se distinguem dos outros e afirmam que seu sangue está "fechado" a membros de outros clãs e da metade oposta" (MOSKO, M. Conception, de-conception... . Op.Cit., p. 27).

Entre uma melanesianista e uma feminista

"sangues diferentes", legitimando assim o casamento.⁶¹

Dar e receber é um ato de separação, pois as duas partes tomam-se distintas como doador e recipiente. O resultado é fragmentar o "sangue único" da tribo em seus componentes, reificados nos valores que passam de um corpo constituído separadamente (doadores) para outro (recipientes). Enquanto a tribo endogâmica está se decompondo, uma transformação similar ocorre dentro dos corpos de suas crianças: noiva e noivo.⁶² Mosko introduz a metáfora da des-concepção para descrever esse processo:

Noiva e noivo são...complementarmente des-concebidos de seus respectivos sangues dos clãs de suas avós. O noivo é visto como mantendo... apenas os sangues do clã de seu pai e mãe (ou dois avós), e a noiva de seu pai e mãe (ou dois avós)... Quando os recém-casados misturarem posteriormente seus sangues na concepção, seu filho receberá um total de apenas quatro sangues - os sangues dos seus quatro avós e dos clãs de seus avós.⁶³

A pessoa Mekeo do norte (criança/adulto) passa assim de uma condição não-reprodutiva para uma reprodutiva, mediante

⁶¹ Id., ib., transposição corrigida.

⁶² "Noiva e noivo têm cada um em seu corpo o sangue procriador (e culinário) de seus quatro avós, e através deles, o sangue de ambas as metades e de todos os quatro clãs da tribo. Mas noiva e noivo derivam seus respectivos sangues de clã segundo relações distintas. O sangue que o noivo recebeu do clã do pai do pai (seu próprio clã), sua noiva recebeu do clã da mãe de seu pai, e assim por diante". (Id., ib., pp.27-8.)

⁶³ Id., ib., p.25.

um processo que **desfaz** o ato pelo qual ela ou ele foi concebido.⁶⁴ A fim de transacionar com outros ao longo da vida, o corpo recapitula perpetuamente esse movimento entre estados concebido e des-concebido.

Corpos e palavras

Essas noções não permitem, penso, a idéia de que coisas são feitas "ao" corpo. Ou antes, o corpo não é sujeito nem objeto, pois é tanto um agente de suas próprias composições e decomposições, quanto se abre e se fecha à influência externa. Os membros de uma tribo desfazem suas relações internas a fim de que o casamento ocorra, da mesma forma que uma mulher come a comida que depois libera. "Coisas" são tiradas do corpo mesmo quando estão sendo absorvidas.. O corpo não é construído segundo especificações externas - antes é feito para revelar quais são suas aptidões, é coagido a produzir seus próprios efeitos relacionais.

A sucessão de imagens não permitem um entre, pois uma pessoa ou corpo é o interior ou exterior de outra pessoa/corpo, ou é seu par, sua outra metade. Assim, cada sexo apresenta uma versão do outro, com o casal casado sincronizando seus ciclos reprodutivos. Se formas forem assim concebidas em um modo ou/ou⁶⁵ ambas estão sempre presentes. E também não é válido que "todos os atores sociais existem em contextos situados dentro de largos períodos de tempo-espço"⁶⁶, pois o espaço está

⁶⁴ Cf. GILLISON, G. Incest and the atom of kinship: the role of the mother's brother in a NeV Guinea Highlands society. *EI/IOS*, n° 15, 1987; BATTAGLIA, D. Punishing the yams: leadership... .Op.cit.

⁶⁵ MUNN, N.D. *The Fame of Gawa. A Symbolic Study of Value Transformation in a Massin (Papua New Guinea) Society*. Cambridge, Cambridge University Press, 1986.

⁶⁶ GIDDENS, A. *The Constitution of Society*. Oxford, Polity Press, 1984, p.334.

dentro do ator ele/ela mesmo(a), bem como fora. Longe de áreas vazias sendo criadas entre pessoas, nossas distâncias entre pontos, brechas entre as estrelas, a espacialidade dos Mekeo do norte admite extensão, área, fechamento, cavidade, mas - verdadeiramente - nenhum vazio.

A questão básica talvez seja que os Mekeo não imaginam o espaço como infinitamente retrocedendo. Pois o que está "além" do interior ou exterior não é mais interno ou externo, mas uma inversão ou eversão de onde alguém está. Não se pode olhar dentro (fora) de algo, e depois dentro (fora) daquilo, e assim por diante por meio de magnificações que fazem mais interior/exterior. Ao contrário, o que está dentro de um território é um lugar demarcado como um "exterior". É assim que a aldeia aparece do ponto de vista do mato circundante.⁶⁷ No idioma Mekeo, alguém "vai para fora" do mato (que está "dentro [do mundo]") para a aldeia (que é "fora"). A aldeia externa tem em seu centro seu próprio lugar interno (um exterior invertido). O nome desse exterior invertido, "abdome", é também usado para intestinos e útero.⁶⁸

Os domínios externo e interno são seccionados por tais inversões devido à transferência diária de objetos entre aldeia e mato.⁶⁹ As transferências incluem reunir comida e remoção de restos e resíduos. Correlativamente, as fezes e urina que se acumulam no abdome já estão em um lugar fora do corpo de uma pessoa, como poderíamos dizer que o feto dentro está inversamente fora do corpo da mulher. Nesse sentido, o útero

⁶⁷ A perspectiva é não-reversível. Uma pessoa indo da aldeia para o mato "vai para dentro". A aldeia é sempre "fora" do "dentro" do mato. A relação do dentro para o fora é assim relativa a essa seqüência espacial, assim como a abertura e fechamento dos corpos sociais é relativa ao número fixado de clãs.

⁶⁸ Paralelo ao abdome da aldeia (um "fora invertido"), o mato adjacente à aldeia é um "dentro evertido".

⁶⁹ MOSKO, M. *Quadripartite Structure...* . Op.cit., p.25.

está fora do corpo que o encerra, de tal forma que os fluidos sexuais que a mulher recebe em sua cavidade permanecem "fora".⁷⁰ O que o preenche retém aquela exterioridade, sêmen e sangue vindo do interior de pai e mãe para se instalar ali. Mas tal como os detritos reunidos no centro da aldeia, ou a diferença entre aldeia e mato, essas emissões não são moldadas conforme o formato do útero. Elas assumem sua própria forma diferente.

Essas atenções aos corpos constituem práticas sociais deliberadas. Não há nada inadvertido ou secreto em relação aos processos corporais, inclusive a eliminação, somente um monitoramento de quando é desejável manter tais processos dentro, quando revelá-los. E quando algo é revelado, por força do efeito diferenciador de exterior e interior, é preciso sempre que assuma uma forma diferente daquela que o encerra. Exterioridade e interioridade têm pouco a ver com as dicotomias público/privado (nem por implicação política ou doméstica) que preocupavam as mulheres americanas de Martin (ver acima). Vimos que um corpo Mekeo não se abre para mostrar seu "segredo" interno: ele se abre para mostrar outro corpo diferente.

Mas o que é essa diferença? Quando uma forma desloca outra, como quando a mãe deixa de ser um feto externalizado para conter o feto dentro de seu exterior invertido, ela alterna entre duas manifestações dela mesma. Quando o neonato substitui a mãe parturiente, sua "forma diferente" substitui tanto seu corpo pré-grávido como o corpo grávido que indica suas relações com o marido. (O pai torna-se invisível nessa altura, não tendo contato com esposa ou filho até o desmame.) Com efeito, a criança é o repositório de ações de múltiplos outros; elas constituem as relações sociais da quais ele é composto. Seus esforços posteriores para criar "novos" laços exigirão a alteração do que já existe: a atividade social é a dissolução e divisão de

⁷⁰ Id., ib., p.89.

entidades completas. Mas não há nada sem limite nesse deslocamento. Quando os Mekeo desfazem pessoas (corpos) para expor as relações das quais são feitos, eles cancelam relações particulares em favor de outras relações particulares. Assim, um homem substitui suas relações com seus parentes por casamento por aquelas com seu círculo mais amplo de parentes tribais. Mas se uma relação só pode aparecer se outra desaparece, ela é, por assim dizer, prefigurada ou antecipada naquela forma (diferente) anterior⁷¹ E nesse sentido, a sociedade já está completa.

Porém, eu distorci o relato de Mosko. Não há indicação de que a pessoa seja um objeto das operações simbólicas que ele descreve; muito menos podemos resumir as concepções dos Mekeo em termos de completamento e falta de completamento. Traduzi dessa maneira o material dele para efeitos retóricos, para tramar uma analogia com o pensamento ocidental sobre atividade social enquanto construção cultural.

Com efeito, o conceito de completamento é enganador se trazer consigo ressonâncias de um artefato acabado ou um estado ideal. As pessoas alternam-se entre estados. Elas alternam-se entre ser um corpo singular de composição múltipla (filho fechado com seus quatro sangues) e um corpo seccionado como um de um par em potencial (noiva aberta com "metade" de seus sangues; mãe com cavidade interna). Nessas últimas relações, o parceiro é literalmente completado por seu par (noivo/filho), completamento manifestando-se na própria relação. Assim, as relações pelas quais os pais são compostos são canceladas para que o filho nasça da relação *deles*. Uma substitui as outras, a criança os atos procriadores de seus pais.

Se nesse imaginário coisas "diferentes" podem potencialmente substituir umas as outras - como em outros

⁷¹ GILLISON, G. The flute myth and the law.... Op.cit.

lugares, porcos por conchas, conchas por noivas⁷² - então cada item carrega múltiplas referências a relações passadas e futuras e, assim, sempre a relações diferentes daquelas ativadas no presente. O tempo também não retrocede infinitamente. Tudo está presente e contudo, nada está simplesmente "presente". A ausência é **explicitamente** antecipada/recuperada e o que está ausente especificado, pois a presença é sempre uma refiguração, uma versão particular. Assim, somente coisas particulares podem aparecer, e o fazem mostrando seus efeitos particulares. Dessa perspectiva, longe de tudo ser conhecido (revelado), em certo sentido nada é conhecido (tudo é escondido), uma vez que aquilo que é aparente somente se presentifica por seus efeitos em atitudes, comportamentos, corpos específicos.

A antecipação é, por assim dizer, um adiamento do conhecido. Os efeitos emergem ao longo do tempo - coisa que muitos melanésios capturam para si mesmos mediante adivinhação ou augúrios - e dentro das pessoas. Uma mulher dá à luz um filho, mas será a criança saudável? Um homem cresce no território de um clã, mas se comportará ele como um membro do clã? E as pessoas perscrutam constantemente umas as outras em busca de indícios de suas intenções, mas a intenção é entendida como se fosse a forma interior do ator externo (o físico, a saúde, o comportamento apresentado). Embora cada relação possa ser relativizada pela anterior, elas são construídas como uma oscilação entre o que é escondido e o que é revelado. Isso significa que nenhuma forma - externa ou interna - detém um lugar "construído" privilegiado, ou pode revelar as deficiências da construção. O mesmo é verdade para a linguagem. As palavras que alguém pronuncia podem ser tomadas como um dos aparecimentos para fora que ele ou ela

⁷² Uma referência a transações de noivas, bem documentadas na etnografia dos Papua das montanhas da Nova Guiné, por exemplo. STRATHERN, M. *Reproducing The future. Anthropology*. Op.cit. Ver Capítulo 6 - Partners and Consumers, pp.118-138.

apresenta. Mas as palavras também têm seus exteriores e interiores. Uma área especial do conhecimento Mekeo (de segredos e feitiçaria) está cerrada, mesmo quando as outras coisas podem ser ditas abertamente.⁷³ As palavras podem ser esquadrihadas em busca do que possam revelar, contudo isso não quer dizer que estejam incompletas. As formas externas são em si mesmas completas; com efeito, elas são suficientes como substitutas da forma interna. Assim, incerteza e dúvida sobre outros é simplesmente a medida de alguém - não saber o que pretendem seus vizinhos é o análogo externo da trama interna de alguém.

Os ocidentais literais surpreendem-se descobrindo metáforas. A descoberta cria a possibilidade de uma crítica da sociedade por meio da linguagem: tratar os textos como simultaneamente literais (construindo a realidade social) e metafóricos (realizando uma construção social). A preocupação com as palavras faz parte do fenômeno mais amplo de literalidade que as feministas reconhecem, fenômeno que estimula a "ciência" a conhecer melhor e mais fundo, a ver dentro dos corpos das coisas.⁷⁴ O problema é que não sabemos como esconder o que foi revelado, reunir o que foi dividido, restaurar os significados superficiais. Não há "quadro inteiro que possa 'ser preenchido', pois a percepção e preenchimento de uma brecha conduz à consciência das brechas".⁷⁵

Se os Mekeo do norte parecem presos num círculo de substituições e oscilações, visualizando-se para sempre em formas alternantes e antecipatórias, então os ocidentais sofrem

⁷³ MOSKO, M. *Quadripartite Structure...* . Op.cit., p.89.

⁷⁴ JORDANOV A, L. Natural facts: a historical perspective on science and sexuality. In: MaCORMACK, C. and STRATHERN, M. (eds.) *Nature, Culture and Gender*. Cambridge, Cambridge University Press, 1980.

⁷⁵ CLIFFORD, J. Partial truths. Introduction. In: CLIFFORD, J. e MARCUS, G.E. (eds.) *Writings CU/fure..* .Op.cit., p.18.

um mundo de regressão infinita. Sabemos que quanto mais revelamos algo, mais o escondemos. Mas nosso pesar é que sempre escondemos seu segredo íntimo. Não vemos os corpos das mulheres como uma forma de vida social; antes, vemos a vida social escondendo o corpo. Revele-se o corpo e talvez revelemos o que não pode ser construído pela vida social ou pela cultura dominante! Na sugestiva comparação de Martin entre a mulher americana administrando os resíduos dela e o "corpo" da casa, a mesma pessoa faz ambas as coisas. A casa não é uma versão do corpo da mulher, mas uma unidade de uma ordem diferente. Assim, a equação não é entre uma pessoa e um conjunto de relações, mas entre duas atividades diferentes desempenhadas pela mesma pessoa. Pessoas e relações, tal como corpos e vida social, são, na visão ocidental, fenômenos díspares.

A satisfação da descoberta para os ocidentais é que quanto mais se esquadrinha, mais se traz à luz fenômenos que afetarão como se vê as camadas revestidoras. Assim, desfazemos certos valores sociais a fim de encontrar razões para construir valores alternativos. Ou imitar os constrangimentos da linguagem levando ao excesso e assim rompendo sua capacidade para a limitação. Se a sociedade distorce as experiências das mulheres, tornar essas experiências explícitas poderia proporcionar a base para um tipo diferente de sociedade. Mas essa não é a única posição que uma estudiosa ocidental pode ocupar. Falando de ciência, o apelo de Haraway⁷⁶ por uma objetividade feminista é um apelo ao refreamento da glotonaria visual de microscópios eletrônicos e sistemas de vigilância por satélite: não precisamos de regressão infinita.

⁷⁶ HARAWAY, D. Situated knowledges: the science question in feminism as a site of discourse on the privilege of partial perspective. *Feminist Studies*. 14, 1988, pp.575–99 (Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos PAGU*, n° 5,1997.)

Contudo, a regressão é aprendida no momento em que aprendemos que a cultura é aprendida. Em particular, o investimento ocidental na metáfora da linguagem como transportadora de cultura, e da cultura considerada como uma linguagem, projeta um contra-mundo de indivíduos concretos e corpos naturais e de obstinadas formas não-lingüísticas. Os ocidentais tentam para sempre ter acesso àquele contra-mundo mediante a composição e decomposição da própria linguagem - enganá-la para revelar o involuntário, trazer à fala o não-dito. O brilho da fala desconstrutiva está em sua demonstração posterior de como esses contra-mundos devastadores são eles mesmos "construídos".

Uma vez que os melanésios constroem e desconstróem seus corpos, a linguagem funciona simplesmente ao lado desse processo, com seus próprios interiores e exteriores. Eles usam a linguagem para chamar atenção à própria facilidade analógica. Assim, a manipulação de identidades sangüíneas no casamento e na concepção são conhecidas por um único termo Mekeo.⁷⁷ Uma analogia funciona por meio das formas que justapõe, como corpos e palavras se justapõem. Os melanésios não realizam cirurgias nas palavras mais do que podem abrir corpos para ajudar no parto; e não pensam necessariamente em exhibir o involuntário mediante exegeses verbais mais do que supõem que ao olhar dentro de algo você entenderá mais o que está na superfície.

Entre as imagens postas ao serviço da reflexão crítica está o senso ocidental tenaz de que a experiência dá acesso individual a um ponto de observação a partir do qual é possível

⁷⁷ MOSKO, M. Conception, de-conception... . Op.cit., p.29.

aprender a natureza construída do mundo. Vista como um amálgama de elementos conflitantes e alternativos, a heterogeneidade interna de vida social proporciona os espaços pelos quais a crítica pode introduzir. Não se trata de que indivíduos" e "experiências" sejam livres eles mesmos de construção (eles são claramente artefatos que dependem de certos discursos). Ao contrário, **nenhuma** instância - conjunto de valores, objetos de percepção, imagens - jamais se equivale ao **todo** da realidade percebida. A não-equivalência da linguagem (ou cultura) à vida é um ponto de partida. Pelo mesmo motivo, isso sugere uma multiplicação infinita de formas possíveis, onde a refiguração deve sempre depender de "outra perspectiva".⁷⁸

"Nós", portanto, vemos a nós mesmos como presos em complexidade e diversidade, mediante imagens de conhecimento sempre regressivo e da relação incompleta entre coisas (sociedade e cultura) e pessoas (sujeitos, formas). Assim imaginamos que aprenderemos mais desmantelando **aquelas formas** - desfazendo-as para ver de que são feitas, uma atividade sempre proliferante, sempre incompleta. Tentei tornar essa forma particular de complexidade aparente mediante a justaposição das práticas de povos que separam não artefatos, mas pessoas.⁷⁹ Isso dá-lhes mais uma vantagem simbólica: usam a imagem concreta do corpo para esconder bem como para revelar. Eles não têm de imaginar um mundo multiplicador. As coisas - pessoas - são todas versões umas das outras: trata-se apenas de formas que são diferentes. Onde um ocidental tentando chegar ao âmago de alguma coisa descobre uma perspectiva diferente sobre ela - uma outra coisa para incorporar no esquema das coisas -, um melanésio tentando fazer uma

⁷⁸ KIRBY, V. Capitalizing difference... . Op.cit., p.14.

⁷⁹ Isto é, estão interessados nas relações sociais das quais os objetos são compostos, sejam esses objetos seres humanos ou o que os seres humanos fazem ou dizem. (Nesse sentido, tratam artefatos como pessoas).

Entre uma melanesianista e uma feminista

coisa produzir algo diferente dela produz um análogo ou transformação do original – outra manifestação de algo já presente.

Entre as imagens postas ao serviço da reflexão crítica está o senso ocidental tenaz de que a experiência dá acesso individual a um ponto de observação a partir do qual é possível coisa produzir algo diferente dela produz um análogo ou transformação do original - outra manifestação de algo já presente.

Assim, se fôssemos buscar um correlato melanésio às idéias ocidentais de construção, teríamos de ver o genérico no particular: que qualquer corpo ou palavra é ao mesmo tempo uma entidade em um determinado momento no tempo e no espaço (como diríamos nós) e, com seu passado e futuro, sua antecipação e lembrança de outros corpos e palavras; é também equivalente à vida social, a ambos os gêneros, a toda cultura, à linguagem enquanto tal. Ao indicar tudo, essas formas não requerem que tudo seja moldado à sua forma: elas indicam versões de si mesmas que são diferentes delas mesmas, como a criança é "diferente" dos atos procriadores de seus pais. Se assim for, melanésios como os Mekeo não são provavelmente iluminados/assombrados pela mão invisível da estruturação, que sugere que devemos, mesmo quando não podemos, decidir quando os atos são constrangimentos ou facilitações. Seria bastante divertido imaginar qual forma então poderia assumir sua política da diferença.

Marilyn Strathern

BETWEEN A MELANESIANIST AND A FEMINIST

Abstract

Academic deconstructive practices are here considered through the perspective of theories that consider society and culture as construction, characteristic of occidental conceptions. Then construction and deconstruction are here considered from the vantage point of melanesian conceptions. Without premisses of construction these conceptions are examples of dual - not binary - ways of symbols and relations.